

Jóia da natureza no Norte capixaba

Reserva Natural da Vale mantém 40% do que restou da Mata Atlântica no Estado e riquíssima biodiversidade

Texto **CLAUDIA FELIZ** / cfeliz@redegazeta.com.br
Fotos **GILDO LOYOLA**

Quando os índios ainda eram os únicos donos da nossa terra, ela ocupava 1,2 milhão de quilômetros quadrados do território brasileiro. Passados mais de 500 anos de muita devastação, só sobraram 8% da Mata Atlântica original.

E desse, pequeno percentual, uma parte, totalizando 22 mil quilômetros quadrados, está ao alcance das nossas mãos, em Linhares, Norte do Espírito Santo, na Reserva Natural da Vale do Rio Doce, reconhecida pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e a Cultura (Unesco)

como sítio do Patrimônio Mundial Natural da Costa do Descobrimento. A reserva concentra 40% do que restou da Mata Atlântica em todo o Espírito Santo.

Fauna e flora. A biodiversidade ali existente é riquíssima. Somente em aves, 400 espécies já foram identificadas, e o que é mais importante: elas representam 5% do total de todas as existentes hoje em todo o planeta. No grupo das borboletas e mariposas, mais de 1,5 mil espécies também já foram alvo de identificação e outras 1,6 mil

aguardam para serem descritas por especialistas.

Em permanente processo de pesquisa - a reserva atrai interesses de pesquisadores nacionais e internacionais -, o espaço verde registra 23 espécies de peixes, 43 de répteis, 102 de mamíferos, só para citar alguns números.

A Mata atlântica é um dos ecossistemas mais ameaçados em todo o mundo e na reserva são encontradas cinco formações diferentes de vegetação natural: Mata dos Tabuleiros, Mata Ciliar, Floresta de Mussununga, Nativo e Formações Brejosas. Essa di-

versidade de habitats favorece à biodiversidade.

Em Linhares, é possível identificar a maior reserva genética de jacarandá, jequitibá rosa, peroba amarela, macanaíba, ipê amarelo e paraju. Sem falar nas muitas orquídeas e bromélias.

Diretor do Instituto Ambiental Vale do Rio Doce, o engenheiro florestal Renato Moraes de Jesus explica que, somente em jacarandá, se fosse promovido o corte das árvores, a receita líquida seria de US\$ 50 milhões, o equivalente a R\$ 114,7 milhões.

Em termos botânicos, a área

é a mais conhecida do país. Há ali mais de duas mil espécies de flora, 80 das quais de árvores novíssimas e já registradas, descobertas por botâ-

nicos no local. E pelo menos outras 30 estão a espera de classificação. É o Jardim Botânico que o Espírito Santo, oficialmente, não tem.

Projeto é auto-sustentável

Há quem diga que foi a incompetência da estatal Companhia Vale do Rio Doce a responsável pela existência da área totalmente preservada. É que a Vale comprou a terra na década de 50, para extrair madeira e produzir dormentes a serem utilizados na Estrada de Ferro Vitória-Minas. Na década de 70, 200 hectares foram cortados, mas a companhia chegou a conclusão que custaria mais barato adquirir o produto no mercado. Decidiu, então, preservar a área, que hoje gera recursos suficientes para a sua manutenção, conservação e atividades de pesquisa.

Bela surpresa no meio da mata

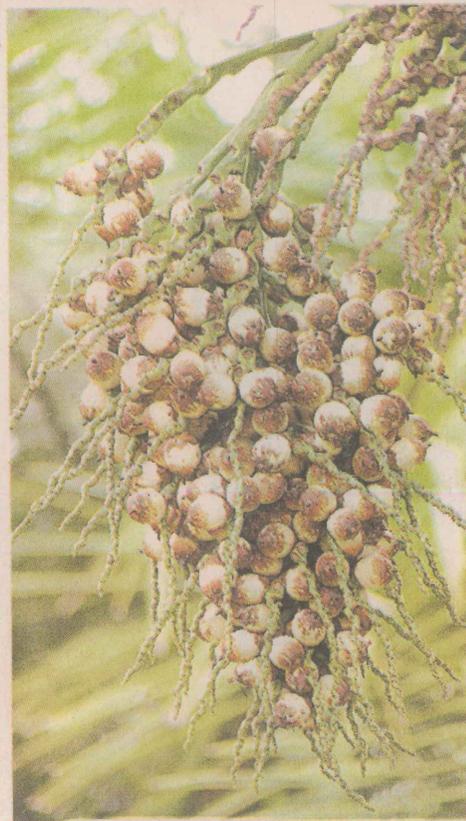
EM FAMÍLIA. Já imaginou, de repente, ficar frente a frente com dezenas de quatis? Pois saiba que cenas assim são freqüentes na reserva da Vale, mesmo que você não esteja em plena mata. Como a reserva é alvo de cobiça, um advogado foi contratado só para acompanhar os processos que envolvem caçadores flagrados no local. Devido a essa medida, um deles já foi punido com pena alternativa, condenado a promover limpeza na reserva. Existe um cadastro com mais de 60 nomes de caçadores, e em decorrência desse acompanhamento, desde 2004, o número de ocorrências caiu de cinco para quatro. Treze homens fazem a fiscalização da reserva usando motocicletas.



Exuberância



VEGETAÇÃO. Está na Reserva da Vale, em Linhares, o maior viveiro de mudas da América Latina, com capacidade de produção de 45 mil unidades/ano. No arboreto, são 800 as espécies plantadas, como a exuberante peroba amarela (acima). Só de palmeiras, como a imperial, o coco da bahia, a fênix, a aricanga e a coco de quarta (à direita), são 350, mas a meta é chegar a 1,5 mil espécies. No local, pode-se ver o que era uma enorme área de pasto sendo transformada com reflorestamento. O engenheiro florestal Renato de Jesus explica que na Mata Atlântica encontra-se até 400 espécies, entre componentes florísticos, herbáceos, arbustivos e arbóreos, por hectare. Na reserva, as espécies mais comuns são árvores conhecidas como tambor, bomba d'água (seu caule mantém um reservatório de água, como uma barriga), bicuíba e batunga casca grossa. Mas há também jacarandá, jequitibá, pau-brasil, macanaíba e cerejeira. Na floresta de mussununga, menos fechada e em área arenosa, onde há árvores de até 20 metros de altura, destaca-se a beleza de bromélias e orquídeas. Mas, para preservação da floresta, somente em 1% da reserva é autorizada a circulação de visitantes.



Espaço educativo



FLUXO. Trinta mil pessoas visitam a reserva durante o ano, entre estudantes - a maioria, pesquisadores e hóspedes do complexo hoteleiro do local, dotado de 51 apartamentos, com uma arquitetura ecológica - há construções feitas com toros de eucalipto. A diária em apartamento duplo varia de R\$ 135 a R\$ 270 (criança de até 5 anos não paga), de acordo com o padrão da habitação, e inclui café da manhã, almoço e jantar. Além de área de lazer, piscina, pomar e hidromassagem natural, vale a pena fazer trilha guiada e ir ao Centro de Visitantes e Exposição Permanente da Mata Atlântica, onde é possível ver coleções de borboletas (à direita), insetos, madeira, ver os efeitos do fogo e desmatamento na mata e conhecer, por exemplo, enormes cascas de marimbondo e ninho de guaxo, como os da foto acima, com a coordenadora Valéria Ikegami.

